

A Cultura Histórica: interseções entre a Ideologia, Ensino de História e espaço urbanístico de Maputo

Historical Culture: intersections between Ideology, History Education, and the urban space of Maputo

Gerson Massingue,¹ UFG

Resumo

Este artigo tem como proposta temática “a Cultura Histórica: Interseções entre a Ideologia, Ensino de História e espaço urbanístico de Maputo”, o nosso objetivo é analisar como a cultura histórica faz o diálogo entre a ideologia, ensino e espaço urbanístico de Maputo. De modo a irmos a esse objetivo, primeiro fizemos uma análise analítica que consiste na discussão de conceitos condutores do trabalho baseando em vários teóricos: cultura histórica e ideologia, e segundo exploratória, para entendermos como é a relação entre a cultura histórica, ideologia e espaço urbanístico na construção da consciência histórica, do aluno, articulando o Ensino de História e narrativas históricas predominantes que refletem a ideologia marxista-leninista.

Palavras-chave: Cultura Histórica; Ideologia; Ensino de História.

Abstract

This paper address the theme “Historical Culture: Intersections between Ideology, History teaching, and the urban space of Maputo”, our objective is to analyze how historical culture creates a dialogue between ideology, teaching and urban landscape of Maputo. To achieve this goal, we first conducted an analytical study focusing on key theoretical concepts: historical culture and ideology-and the second an exploratory one aiming to understand the relationship among historical culture, ideology, and the urban space in shaping students historical consciousness, this approach articulates history education with prevailing historical narratives that reflect Marxist-Leninist Ideology.

Keywords: Historical Culture; Ideology; History Teaching.

Reflexão teórica dos conceitos orientadores do trabalho: ideologia e Cultura histórica

Sendo uma temática multifacetada, que aborda questões de Ideologia, cultura histórica e Ensino de História, buscarei bases de análises e revisão bibliográfica em vários autores clássicos: em Marx, Gramsci e Ricoeur, Lukács, Althusser sobre o conceito da Ideologia e sua Problematisação; no afunilamento do conceito de Ideologia perspectivamos captar e termos

¹ Pesquisador em áreas como: Ensino da História, Didática de História, Educação histórica, História da educação e Ideologia. Possui Graduação em Ensino de História com Habilidades em Ensino de Geografia pela Universidade Pedagógica - Moçambique (2015). Pós-Graduando em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG) -Brasil, possui experiência em ensino de História e Geografia de quase 10 anos, atuando como professor de rede pública em Moçambique, atualmente é pós-graduando pela Universidade Federal de Goiás no curso de História e bolsista CAPES/GCUB. Membro pesquisador do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em História (LEPEHIS) vinculada ao programa de História da Universidade Federal de Goiás (PPGH/UFG), membro pesquisador de Grupo de Pesquisa e Estudos em Aprendizagem Histórica-APRENHIS.

uma visão sobre o campo educacional, ensino e currículo, daí buscamos em Apple a fronteira entre Ideologia e Currículo, sobre cultura Histórica em Rüsen.²

Para já, é importante referir que este conceito (Ideologia) foi literalmente inventado por um filósofo francês pouco conhecido, Destutt de Tracy (1754-1836), discípulo de terceira categoria dos enciclopedistas, que publicou em 1801 um livro chamado *Eléments d'idéologie* (é um vasto tratado que, hoje em dia, ninguém tem paciência de ler). A ideologia, segundo Destutt de Tracy, é o estudo científico das ideias, e as ideias são o resultado da interação entre o organismo vivo e a natureza, o meio ambiente, ou seja, é um subcapítulo da zoologia que estuda o comportamento dos organismos vivos (até naquela época ideologia era entendida dessa forma) (Löwy, 2011, p.17-p. 18).³

Quando Marx, na primeira metade do século XIX, encontra o termo em jornais, revistas e debates, ele está sendo utilizado em seu sentido napoleónico, considerando ideólogos aqueles metafísicos especuladores que ignoram a realidade. É neste sentido que Marx vai utilizá-lo a partir de 1846 em seu livro chamado *A ideologia alemã*.

Em *A ideologia alemã*, o conceito de ideologia aparece como equivalente à ilusão (Marx e Engels, 2007), falsa consciência, concepção idealista na qual a realidade é invertida e as ideias aparecem como motor da vida real. Mas tarde Marx tomaria o conceito e falaria das formas ideológicas através das quais os indivíduos tomam consciência da vida real, ou melhor, a sociedade toma consciência da vida real. Para Marx, ideologia é um conceito pejorativo, ilusório que se dá através das ideias das classes dominantes na sociedade (Löwy, 2011, p. 19).

É importante referir que esse conceito continua sua trajetória no marxismo posterior a Marx, sobretudo na obra de Lenin, onde ganha um outro sentido, bastante diferente: a ideologia como qualquer concepção da realidade social ou política, vinculada aos interesses de certas classes sociais.

Para Lenin, existe uma ideologia burguesa e uma ideologia proletária. Aparece então, a utilização do termo no movimento operário, na corrente Leninista do movimento comunista, que fala de luta ideológica de trabalho ideológico, de reforço ideológico etc. ideologia deixa de ter o sentido crítico, pejorativo, negativo, que tem em Marx, e passa a designar

² No campo conceitual, é difícil encontrar nas ciências sociais ou mesmo no quadro da História dos conceitos, um conceito tão complexo, tão cheio de significados quanto o conceito de ideologia, por isso levaremos alguns parágrafos que um conceito “normal” não levaria, tentando seguir os contornos tortuosos que esse conceito percorreu no tempo, mas é importante referenciar logo à priori que o conceito ideologia não vem de Marx: ele simplesmente o retomou com mestria.

³ É por esse caminho que se segue a análise, de um cientificismo materialista vulgar, bastante estreito, que caracteriza essa obra de Destutt de Tracy.

simplesmente qualquer doutrina sobre a realidade social que tenha vínculo com uma posição de classe (Löwy, 2011, p. 19).

Assim, a palavra vai mudando de sentido, não só quando passa de uma corrente intelectual para outra, mas também no seio de uma mesma corrente de ideias (Marxismo-leninismo) (Löwy, 2011).

O sociólogo Karl Mannheim em seu livro *Ideologia e Utopia* (1929), tenta colocar uma ordem no campo conceitual de ideologia, Mannheim entende ideologia como:

O conjunto das concepções, ideias, representações, teorias, que orientam para a estabilização, ou legitimação, ou reprodução da ordem estabelecida. São todas aquelas doutrinas que tem um certo caráter conservador no sentido amplo da palavra, isto é, consciente ou inconsciente, voluntária ou involuntariamente, servem à manutenção da ordem estabelecida. Mannheim ainda no aprofundamento conceitual vai diferenciando ideologia da utopia como sendo aquelas ideias, representações e teorias que aspiram uma outra realidade, uma realidade ainda inexistente com uma função subversiva, uma função crítica e, alguns casos, uma função revolucionária (Löwy, 2011, p. 20).

Na verdade, a ideologia e utopia, são conceitos que longe de serem opostos, podem se complementar mesmo partilhando a mesma fronteira. A ideologia apresenta uma visão de um mundo estruturado e sustentado por valores, enquanto a utopia projeta uma possibilidade idealizada de sociedade, por outras palavras, “não há ideologia sem utopia” porque utopia é projeto da ideologia, por isso muitos ideólogos na verdade, nascem de utopias e vice-versa, e a história mostra como utopias influenciaram movimentos ideológicos (o próprio socialismo também foi utópico antes de ser científico) e como ideologias moldaram novas utopias, dai entendemos como a Frelimo⁴ adotou o marxismo-leninismo como uma ideologia após independência, na verdade, a sua adoção não partiu em 1975 (ano da independência) mas sim como um projeto utópico na guerra da libertação (há evidências que as primeiras regiões já libertas pela Frelimo na zona norte, foram uma espécie de ensaio ideológico que seria replicado em todo o país posteriormente a proclamação da independência, e a educação é o exemplo mais claro disso). Dai, Ricoeur (2015, p. 27), nos lembra que a utopia permite

⁴ Frente de libertação de Moçambique, foi inicialmente um movimento nacionalista de libertação, fundado em 1962. A Frelimo é produto da União de três movimentos de Libertação: MANU- Mozambique African National Union, UNAMI- União Nacional Africana de Moçambique Independente e UDENAMO- União Democrática Nacional de Moçambique, liderado nos primeiros anos pelo Eduardo Mondlane, um antropólogo que trabalhava na ONU. O objetivo deste movimento era combater e derrubar o colonialismo português em Moçambique, isso acabou por se materializar a 7 de setembro de 1974 com os acordos de Lusaka que resultaram na proclamação da independência a 25 de junho de 1975, e posteriormente tornou-se partido político de orientação marxista-leninista em 1977 no III congresso. Este partido é um dos mais influentes partidos políticos da África e está no poder à 50 anos de forma ininterrupta.

variações imaginárias em torno de questões como a sociedade, o poder, o governo, a família, a religião. O tipo de neutralização que constitui a imaginação como ficção se elabora na utopia.

O conceito de ideologia como falsidade segundo Marx, é também defendida por Ricoeur que define como:

Falsificação da realidade (ou da ciência que trata desta, a ciência da práxis); é justificação e legitimação dessa realidade; é a experiência de integração social sem a qual nenhuma de suas outras faces faria sentido, pois quando se falsifica uma realidade se o faz para legitimar certa relação de poder que, mantendo-se legitimado (Ricoeur, 2015, p. 7).⁵

Ricoeur, mesmo não sendo contemporâneo de Marx, estudou a ideologia e saiu com a ideia de que ideologia é sinônimo da realidade falsificada, por outras palavras, ideologia é um signo. Mas amplia a compreensão da ideologia de Marx ao mostrar que ela se não limita ao falseamento da realidade, como muitas das vezes é interpretada. Ele propõe que a ideologia também, tem uma dimensão simbólica, funcionando como um meio de estruturar a ação humana e dar sentido a experiência coletiva. Na sua abordagem hermenêutica, Ricoeur explora como os símbolos e narrativas moldam a percepção da realidade e influenciam a ação. Em vez de apenas distorcer a verdade, a ideologia pode ser vista como um instrumento de coesão social, ajudando a construir identidades próprias e orientar práticas políticas e culturais.

Como mostramos o conceito ideologia é mais complexo, diverso e cheio de significações, que foi se moldando com tempo tendo um percurso longo que começa desde Destutt, passando por Napoleão, Marx que deu uma “apimentada”, esse conceito foi polémico e muito debatido ganhando repercussão mesmo na mesma corrente de pensamento de Lenin até que o Mannheim estabeleceu uma ordem conceitual.

Os teóricos Marxistas e o conceito de Ideologia

Como vimos nos parágrafos anteriores o conceito ideologia, teve divergências e convergência, assim, iremos começar por Lukács depois Gramsci e por último Althusser, para entender melhor na mesma linha de pensamento (Marxista), não apenas pela ordem cronológica de outros pensadores, mas também pela sequência lógica conceitual de ideologia que vai nos abrir a percepção de ideologia. Da opinião própria de Marx e Lenin, não

⁵ O conceito de ideologia como falsificação da realidade de Marx e de Ricoeur interessa esse trabalho para melhor orientar os próximos capítulos desta discussão sobre a ideologia Marxista-leninista da Frelimo que é representada no ensino de História.

reservamos aqui uma vez que acolhemos e explicamos o seu pensamento sobre o conceito na discussão teórica nos parágrafos anteriores.

Para Lukács (1885-1971) (2018, p. 398), Ideologia é antes de tudo, aquela forma de elaboração intelectual da realidade a qual serve para fazer consciente e capaz de ação a práxis social dos seres humanos, ou seja, para Lukács ideologia é uma forma de organizar e interpretar a realidade de maneira intelectual, servindo para tornar os indivíduos conscientes de suas condições e capacidades, e, assim, possibilitar que atuem sobre o mundo ele acrescenta que:

O sentido concreto da ideologia é portanto mais amplo que o do conceito restrito de ideologia. Ele diz apenas-aparentemente tautologicamente-que no ser social nada pode ser encontrado cujo surgir não seja decisivamente codeterminado por ele. A simples factualidade refere-se a toda uma espécie de ser, a todo objeto, na medida em que ela pertence a essa esfera de ser portanto ela, de modo algum, exclui a determinabilidade biológica nos seres humanos como ser vivo, a saber, naquelas manifestações de vida que são essencialmente de qualidade biológica (Lukács, 2018, p. 401).

Para Lukács, a ideologia pode interagir também com aspectos biológicos uma vez que a ideologia pode influenciar ou condicionar como as pessoas entendem sobre questões ligadas a dieta alimentar de um ser homem, que são muita das vezes determinadas por questões, culturais, religiosas e mesmo de estrato social (na perspetiva ampla da visão sobre ideologia-essa visão da ideologia está intrinsecamente conectada com sua abordagem ontológica, que busca entender as categorias fundamentais do ser social).⁶ Na perspetiva Marxista/Marxiana, que influenciaram Lukács, a ideologia não é apenas um reflexo da realidade, mas também uma ferramenta prática que orienta a práxis, a ação transformadora baseada na consciência das condições materiais. Em outras palavras, a ideologia ajuda a moldar a forma como os seres humanos compreendem sua situação e planejam suas ações, sempre no contexto das relações sociais e históricas (na perspetiva restrita da visão de ideologia).

Em poucas palavras, na perspetiva de Lukács, a ideologia se conecta à ontologia por meio da práxis, funcionando como uma forma de elaborar e interpretar a realidade social de maneira que possibilite a ação consciente dentro das estruturas históricas.

Nos Cadernos do Cárcere, buscamos a percepção de Gramsci (1891-1937), sobre ideologia. Ele entende como Ideologia-um campo ideativo e axiológico da sociedade e, ao

⁶ Essa teoria de Lukács da ideologia ter influencia na comensalidade, foi estudado por Weber na sociologia das religiões, tomando como exemplo a Índia, onde a comensalidade era uma expressão das divisões sociais e religiosas, onde as regras sobre quem podia compartilhar refeições com quem reforçavam as hierarquias de casta. Ele argumentava que essas práticas contribuíam para a manutenção da ordem social e para a separação entre os diferentes grupos. Isso, segundo ele, era um dos fatores que dificultavam a mobilidade social e a racionalização econômica na sociedade indiana (Weber, 2006, p. 80-82).

mesmo tempo, estaria fundamentada nas posições de classe, seria percebida como relação de poder, ou seja, dos aspectos da dominação de classe; seria um instrumento privilegiado para a classe dominante assegurar a coesão social e, também, uma forma de as classes subalternas tomarem consciência de sua existência coletiva e da própria realidade de sua subordinação e dominação.

Gramsci (1999, p. 175 e p. 208), critica a visão a qual ideologia é “ciência das ideias”, ou “análise sobre a origem das ideias” de filósofo francês Destutt de Tracy, esta mesma “ideologia” deve ser analisada historicamente, segundo a filosofia da práxis, como uma superestrutura. Ele propõe que ideologia acima de tudo, seja o significado mais alto de uma concepção do mundo, que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações de vida individuais e coletivas.

Gramsci, indica que há erros comuns na análise de ideologias que distorcem seu real significado. Esses erros estão ligados ao uso pejorativo do termo e à tendência de reduzi-lo a algo inútil ou irrelevante, por isso é necessário, por conseguinte, distinguir entre ideologias historicamente orgânicas, isto é, que são necessárias a uma determinada estrutura, e ideologias arbitrárias, racionalistas, “voluntaristas”. Enquanto são historicamente necessárias, as ideologias têm uma validade que é validade “psicológica”: elas “organizam” as massas humanas, formam o terreno no qual os homens se movimentam, adquirem consciência de uma posição, lutam, etc. Enquanto são “arbitrárias”, não criam mais do que “movimentos” individuais, polêmicas, etc. (Gramsci, 1999, p. 238).

Um exemplo dessa ideologia historicamente necessária Gramsciana em Moçambique, foi a implementação das aldeias comunais, que tinham o objetivo de “reorganizar a sociedade”, segundo princípios coletivistas. Essas aldeias foram concebidas como espaços de produção agrícola coletiva (roças do povo), onde o povo deveria trabalhar em conjunto para garantir o desenvolvimento económico e social do país. Essa política refletia a tentativa de criar uma nova estrutura social baseada na coletivização dos meios de produção e na eliminação das desigualdades herdadas do colonialismo. Ideologias arbitrárias inspiradas no Gramsci foi a imposição de certas práticas políticas e económicas sem considerar plenamente as condições materiais e culturais e de origem da população, desencadeou em descrédito da Frelimo e consequentemente na dificuldade na implementação desse modelo de organização social em Moçambique.

Ideologia em Althusser (1918-1990): “é uma ‘representação’ da relação imaginária dos individuais com as suas condições de existência” (1970, p. 77), ou seja, para ele a

ideologia não descreve necessariamente a realidade como ela é, mas sim como os indivíduos a percebem e a experimentam através de um filtro imaginário.

Essa relação imaginária não é aleatória; ela cumpre uma função social e política crucial: garantir a coesão e a reprodução das relações sociais existentes. Por meio dos Aparelhos Ideológicos de Estado (escolas, religiões, mídia, etc.), a ideologia interpela os indivíduos, ou seja, molda suas identidades e os posiciona como “sujeitos” dentro da sociedade, de acordo com a lógica e os interesses do sistema dominante (função da ideologia na sociedade), e por isso “o Homem é por natureza um animal ideológico” (Althusser, 1970, p. 94).

Althusser ainda argumenta que mesmo que o homem seja influenciado pela ideologia de forma espontânea ou natural, a “ideologia não tem história” (Althusser, 1970, p. 72-76), a ideologia, como estrutura, não evolui e muda de acordo com o tempo (atemporal) ou as condições materiais (imaterial) da mesma forma que outros aspectos da sociedade. Ela é uma característica constante de toda formação social, existindo em todos os momentos históricos, independentemente das transformações concretas na sociedade, isto é, ideologia é “Omnipresente”.

A ideologia também opera em dois campos: Aparelhos Repressivos do Estado (ARE) e Aparelhos ideológicos do Estado (AIE); O ARE funciona pela violência enquanto os AIE funcionam pela ideologia. Todos esses Aparelhos de Estado funcionam simultaneamente pela repressão e pela ideologia, com a diferença de que o ARE funciona de maneira massivamente prevalente pela ideologia; enquanto o ARE constitui um todo organizado cujos diferentes membros estão subordinados a uma unidade de comando, a da política da luta de classes aplicada pelos representantes políticos das classes dominantes que detêm o poder de estado; enquanto a unidade do ARE é assegurada pela organização centralizada unificada sob a direção dos representantes das classes do poder, a unidade entre a diferente AIE é assegurada, na maioria das vezes em formas contraditórias, pela ideologia dominante, a da classe dominante (Althusser, 1970, p. 54).

Apple, sendo um estudioso de Ideologia, faz uma articulação muito saudável com o campo educacional ensino e currículo. Apple (1982, p. 34), diz que a ideologia tem sido avaliada historicamente como uma forma de falsa consciência que distorce a imagem que se faz da realidade social e serve aos interesses das classes dominantes numa sociedade. Entretanto, também tem sido tratada, como expressa Geertz, como “sistemas de símbolos que agem entre si” e fornecem as formas básicas de tornar portadoras de “sentido situações sociais que de outro modo seriam incompreensíveis”, ou seja, como criações inevitáveis e essenciais

que funcionam como convenções de significado compartilhadas, para tornar inteligível uma realidade social complexa. Essas distinções sobre a função da ideologia não passam, é claro, de tipos ideais, de pólos entre os quais incide a maioria das proposições sobre o que é, e o que faz a ideologia. Essas duas proposições ideais provêm na verdade de tradições, e têm seus advogados contemporâneos. O segundo pólo, o da tradição que vê a ideologia como “deformação do real”, tem em Durkheim e Parsons seus advogados mais conhecidos, em geral considera como a função mais importante da ideologia o seu papel de conferir significado em situações problemáticas, apresentando uma “definição útil da situação”, por assim dizer, tornando possível deste modo a atuação de indivíduos e de grupos. Mesmo com essas orientações bastante divergentes, parece haver uma base comum entre os que estão preocupados com o problema da ideologia, na medida em que geralmente se considera que ela apresenta três características diferenciadoras (legitimação, luta pelo poder e estilo de argumentação).⁷

Assim, entendemos com Apple (1982) que a ideologia, refere-se a um conjunto de crenças, valores e práticas que são utilizadas para justificar e manter as relações de poder e dominação em uma sociedade, e a educação é um destes campos. Esse conceito liga-se ao de Althusser (1970), quando refere-se aos aparelhos ideológicos, incluindo a escola agem como meios de dominação e controle da sociedade.

A Cultura Histórica

Com a cientificidade da História no séc. XIX, aconteceu dentro da disciplina de História a fragmentação entre a Didática de História e História académica, criando lacuna para o conhecimento académico e perdendo de vista a necessidade de orientação social da história na temporalidade

Constata-se, gradativamente, que a separação entre a Didática da História e a História acadêmica, foi contribuindo para a formação de um “código disciplinar” próprio da História

⁷ De que forma agem? Começaremos pela legitimação: Os sociólogos parecem estar de acordo quanto ao fato de que a ideologia está relacionada à legitimação: a justificação da ação de um grupo e sua aceitação social. “A ideologia procura sacralizar a existência submetendo-a ao domínio dos princípios fundamentalmente corretos.”; e luta pelo poder: Toda a literatura sociológica liga a ideologia às lutas pela procura ou pela preservação do poder. Mas alguns autores têm em mente o poder, ou a política, num sentido mais restrito, ao passo que outros num sentido mais amplo. No sentido mais restrito esses termos se referem à distribuição formal, numa sociedade, de autoridade e recursos, o que de modo geral ocorre dentro de um domínio: a esfera da política. No sentido mais amplo, o poder e a política envolvem qualquer esfera de atividade, e todos os seus aspectos estão sempre em jogo nas disputas ideológicas, quer ou não os implicados reconheçam expressamente essa dimensão. E por último o estilo de argumentação: Muitos autores observam que a argumentação que se realiza no domínio da ideologia é caracterizada por uma retórica muito especial e por uma comoção exaltada. Vê-se a retórica como altamente explícita e relativamente sistemática (Apple, 1982, p. 35-p. 28).

(Cuesta, 1998 Apud Schmidt, 2014, p. 35), o que empurrou as questões do ensino e aprendizagem da História tendencialmente para o âmbito da cultura escolar e foi a partir desse reajustamento que a dimensão cognitiva passou a se articular com a dimensão política da cultura histórica (Schmidt, 2014).

A palavra didática da história é apropriada na medida em que não trata apenas do aprendizado organizado escolarmente e de processos de educação e formação institucionalizados, mas também, de maneira mais geral, de uma atividade especializada na área da cultura histórica. A didática da história é a ciência que cria a perícia necessária a esta atividade. Enquanto ciência, ela produz conhecimento, mas um conhecimento cuja lógica interna é determinada pela prática, a qual necessita dele para ter sucesso, ou seja a didática da história é a ciência do aprendizado histórico, e o aprendizado histórico tem um lado externo e um interno. O lado externo refere-se a sua instituição e organização, à forma das ações que perfazem o aprendizado e as diversas condições que o influenciam. Fazem parte desse lado externo a escola, a burocracia da cultura, as diretrizes, os livros escolares, os museus, as exposições, todo empreendimento cultural em que se trata de história, festejos rememorativos organizados pelo Estado, as mídias de massas e semelhantes. Desse processo, fazem parte os embates, enfrentamentos e aproximações entre a investigação acadêmica, o ensino escolar, a conservação dos monumentos, os museus e outras instituições, em torno de uma aproximação comum do passado tudo isso pode ser resumido pela categoria "cultura histórica", e o lado interno refere-se ao processo cognitivo e emocional pelo qual os indivíduos interpretam e dão sentido ao passado (Rüsen, 2012 p. 122).

Em poucas palavras, cultura histórica é uma categoria de análise que permite compreender a produção e usos da história no espaço público na sociedade atual. Trata-se de um fenômeno do qual fazem parte o grande boom da História, o sucesso que os debates acadêmicos têm tido fora do círculo de especialistas e a grande sensibilidade do público em face do uso de argumentos históricos para fins políticos. Nessa direção, a categoria da cultura histórica teorizada por Rüsen aponta a consciência histórica como uma realidade elementar e geral da explicação humana do mundo e de si mesmo, com um significado inquestionável prático para a vida, diante disso a didática da história tem a tarefa de pesquisar esta cultura histórica em todas as particularidades e no contexto geral da vida social, apesar de que a Didática de História tem a sua própria lógica no fato de que tematiza a cultura histórica como âmbito condicionante do aprendizado histórico. Ela divide com muitas ciências da cultura a tarefa de desvendar teoricamente o campo fenomenológico da cultura histórica e pesquisá-lo empiricamente (Rüsen, 1994 *apud* Schmidt, 2014, p. 33).

A partir das funções da cultura histórica em determinadas sociedades, Rüsen (1994) apresenta suas três dimensões principais: a dimensão estética, a política e a cognitiva. Na dimensão estética da cultura histórica, as rememorações históricas se apresentam, sobretudo, sob a forma de criações artísticas, como as novelas e dramas históricos. Não se trata de encontrar o histórico no estético, mas a presença do estético no histórico, tornando-o visível como algo relevante para o trabalho rememorativo da consciência histórica. A dimensão política da cultura histórica no princípio de que, qualquer forma de dominação necessita da adesão e/ou consentimento dos dominados e a memória histórica têm um papel importante nesse processo, particularmente devido à necessidade de legitimação para o consentimento. É a dimensão política da cultura histórica que cimenta o domínio político mentalmente, já que o marca nas construções de sentido da consciência histórica que servem para a orientação cultural na vida prática atual. Esse entrelaçamento se estende até as profundezas da Cultura histórica e aprendizagem histórica identidade histórica. A construção da identidade se realiza geralmente em meio ao poder e da dominação, e isso tanto na intimidade dos sujeitos individuais como na relação entre eles. E Finalmente, a dimensão cognitiva da cultura histórica se realiza, principalmente, por meio da ciência histórica e de seus processos de regulação metodológica das atividades da consciência histórica, ou seja, “trata-se do princípio de coerência do conteúdo, que se refere à fiabilidade da experiência histórica e ao alcance das normas utilizadas para a sua interpretação” (Rüsen, 1994 *apud* Schmidt, 2014, p. 34).

A intersecção entre Ideologia Marxista-Leninista, Ensino de História e espaço urbanístico de Maputo

A consciência histórica não flutua no ar, mas funciona no interior de uma cultura histórica, entendida como abarcador de várias práticas discursivas que circulam no espaço público e oferecem uma interpretação da experiência do tempo e da história. A cultura história pode ser reproduzida através da história ensinada na educação básica, museus, filmes, peças de teatro, musica, e infraestruturas (ruas, edifícios, etc.), tendo em vista uma certa interpretação do passado (Mendes, 2021, p. 122).

O estudo da intersecção entre a ideologia e ensino, não pode e nem deve ser feito isoladamente sem cruzar com outros elementos cruciais que não se isolam nos recursos didáticos apenas, ou seja, não é coerente pensarmos que a ideologia interpela o aluno apenas no espaço escolar, e que pode ser estudada ou encontrada na aula de história e muito menos vista a aula de história como único espaço e exclusivo de encontro com a ideologia que é reproduzida na base dos recursos didáticos como os programas e os livros didáticos. A

ideologia também interpela o aluno nos espaços públicos que também são urbanísticos ou seja, dentro da cultura histórica, onde o aluno vive e circula (ruas, edifícios e infraestruturas no seu todo-sendo o meio físico elemento condicionador no processo do ensino e aprendizagem), esses elementos produzem ou ajudam a produzir uma narrativa para o aluno na sua vida quotidiana, e consequentemente o aluno que é influenciado por esses todos elementos na construção da consciência historia e na sua orientação temporal.

No âmbito da lecionação das aulas, muita das vezes dentro da sala aula, o professor de história dependendo da temática a tratar, leva exemplificações para aula de espaços onde o aluno atravessa para chegar à escola, ou às vezes leva o aluno a visita de estudo, roteiros ou passeios para ver *in loco*⁸ o que ele aprende na sala, na tentativa aproximá-lo da realidade. É daí, que queremos analisar como esse ambiente ou meio está estruturado do ponto de vista de representação histórica, ou seja, qual é a relação entre os espaços urbanísticos de Maputo com o ensino de história na reprodução ideológica Marxista-Leninista?

Para Althusser (1970, p. 77), a ideologia não descreve necessariamente a realidade como ela é, mas sim como os indivíduos a percebem e a experimentam através de um filtro imaginário, essa relação imaginária não é aleatória; ela cumpre uma função social e política crucial: garantir a coesão e a reprodução das relações sociais existentes. Por meio dos *Aparelhos Ideológicos de Estado* (escolas, religiões, mídia, etc.), a ideologia interpela os indivíduos, ou seja, molda suas identidades e os posiciona como “sujeitos” dentro da sociedade, de acordo com a lógica e os interesses do sistema dominante (função da ideologia na sociedade). Dai, a partir dessa ideia de Althusser (1970) que a ideologia cabe o seu estudo também no meio urbano, se considerarmos que o meio urbano onde o homem circula é um espaço de reprodução das relações sociais que pode ser montado com o objetivo de reprodução ideológica, onde atuam e agem os aparelhos ideológicos do estado, influenciando ideologicamente de forma espontânea ou natural.

Foi nessa visão, que a pós a independência de Moçambique, o ensino e os espaços urbanos deveriam responder uma nova demanda “Revolucionária” ou seja as cidades no geral e Maputo em particular foram preparadas para responder não só questões urbanísticas mas também ideológicas, e o ensino o motor dessa nova fase. Lefebvre (1999, p. 19) fala que, o urbanismo se encerra num contexto político ideológico, e pode ser alvo de duas críticas (a crítica de direita e de esquerda),

⁸ Vem do latim que significa, “No lugar” ou no “próprio local”

A crítica de direita, ninguém a ignora, é de bom grado passadista, não raro humanista. Ela oculta e justifica, direta ou indiretamente, uma ideologia neoliberal, ou seja, a “livre empresa”. Ela abre o caminho a todas as iniciativas “privadas” dos capitalistas e dos seus capitais. A crítica de esquerda, muitos ainda a ignoram, não é aquela pronunciada por esse ou aquele grupo, agremiação, partido, aparelho, ou ideólogo classificados “à esquerda”. É aquela que tenta abrir a via do possível, explorar e balizar um terreno que não seja simplesmente aquele do “real”, do realizado, ocupado pelas forças económicas, sociais e políticas existentes. É, portanto, uma crítica utópica, pois toma distância em relação ao “real”, sem, por isso, perdê-lo de vista.

Ora, é importante antes de mais referir que a cidade de Maputo, e tantas outras do país, sofreram mudança de nomenclatura, após o período da fulvescência da independência. Essas mudanças não se isolaram apenas no espaço urbanístico do país mesmo nas infraestruturas educacionais, as escolas e institutos de ensino, ganharam novos nomes que infelizmente são nomes que não inspiram a educação mas sim a ideologia, uma vez que na sua maioria carregam nomes de “heróis” que apenas contribuíram no âmbito do resgate das liberdades do povo que o colono havia arrancado aos moçambicanos durante a sua presença colonial. Daí, as instituições do ensino passaram a ganhar nomes ligados a ideologia corrente (por exemplo nomes das escolas secundárias, Josina Machel, Francisco Manyanga, Marcelino dos santos, Joaquim Chissano, etc.) e outras a revolução, como por exemplo escola força do povo, escola heróis moçambicanos, continuadores, primeiro de Maio, etc.

No âmbito urbanístico das cidades em Moçambique seguiu-se a mesma linha de substituições de nomenclatura colonial em revolucionária ou que seguem os ideais da Frelimo, criando seus “lugares de memória”, lugares em uma tríplice acepção: apresentados como lugares simultaneamente materiais, simbólicos e funcionais (Nora, 1993, p. 21). Por exemplo, a atual cidade de Maputo era designada Lourenço Marques. A mudança de nome de Lourenço Marques para Maputo, significou mudanças mais profundas: substituições de nomes de bairros, ruas, avenidas praças, etc. por nomes que representavam a revolução, essa revolução que foi inspirada pelos asiáticos, europeus do leste e de alguns países latino-americanos bem como de africanos com a mesma orientação ideológica da Frelimo, daí, encontramos na cidade de Maputo, a representação ideológica na urbe.⁹

Para Castells (2009, p. 73-95), o espaço urbanístico é conformado por três sistemas: o econômico, o político e o ideológico. A articulação das três dimensões é chamada por ele de sistema urbano. No âmbito econômico traz os vínculos entre força de trabalho, meios de produção e não trabalho. Mais concretamente: as atividades de produção na indústria, o

⁹ Alguns bairros passaram a ganhar nomes como George Dimitrov, Bagamoio, 25 de junho, etc.

consumo de bens no mercado, a circulação das trocas e do comércio. Já o âmbito político endereça a gestão e a regulação desses elementos no espaço e, por fim, o terceiro plano (ideológico) traz os elementos simbólicos traduzidos para a dimensão espacial.

Essa urbe ideológica e simbólica de Maputo (que compõem o sistema urbano de Castells), é usada pela população como meio de facilitação da mobilidade de pessoas e bens com vários fins, incluindo o aluno que vai a escola (Aparelho Ideológico para Althusser) para aprender aula de disciplina de História, sendo a escola um local de produção ou reprodução de conhecimento; da ordem social; o local onde se organizam os saberes e se gera continuidade. E os programas de ensino são usados como uma “bússola” de orientação nessa empreitada.¹⁰

Nas escolas moçambicanas, no caso da disciplina de História, é visivelmente notável que os programas nunca deixaram de socializar as crianças de modo a que desenvolvem o sentimento de pertencer a uma nação; continuam sendo um elemento de reforço da unidade nacional e como o meio de forjar a personalidade moçambicana que essas qualidades não passam de legitimação da Frelimo como precursor e elemento de coesão com o objetivo também da legitimação de poder que detém; o ensino de história e os programas continuam a reproduzir uma interpretação “totalitária” do passado ao mesmo tempo que descreve modelos de conduta através de sistemas de valorizantes ou desvalorizantes, não permitindo nem questionamentos, nem a problematização dos conteúdos ministrados na sala de aulas; o ensino de história submete aos alunos a uma memória coletiva ou memórias parciais, a uma memória coletiva-oficial ao serviço da ideologia; ele vai legitimando o combate glorioso da Frelimo, o que bloqueia questionamentos e sua historicidade tornando o ensino de história em Moçambique não instigante no seu estudo na sala de aula (veja só que as academias moçambicanas não tem estudos solidificados nem da didática e muito menos da teoria da História, o que torna o ensino de História vulnerável a ataques).

Ora, se quisermos olhar de forma geral os conteúdos nos programas poderíamos resumir em: o professor deve ensinar a dicotomia da estratificação social (exploradores e explorados) -e que a luta é perene, até a consumação do comunismo onde nunca haverá

¹⁰ No âmbito da implementação da ideologia Marxista-leninista em Moçambique, a Frelimo (sendo partido estado), usou a disciplina de história como meio de transmissão da sua ideologia, os programas de História estavam centrados em três conceitos básicos de “as massas fazem a História”, “classes sociais, sua origem e luta de classes” e o conceito de Estado. Sob um passado caracterizado por divisão da sociedade entre exploradores e explorados, dominantes e dominados e pela “exploração do Homem pelo Homem”, faz ver que essa situação terminou em Moçambique graças à luta do povo moçambicano, liderada pela vanguarda política-a Frelimo, cuja ação continua até à construção de uma sociedade comunista, sem exploração e porque a luta de classes fez se sentir neste mundo e continua, eis a razão de introdução dos conteúdos completamente da Ideologia Marxista-leninista nos programas de História da 9ª classe.

exploração do homem pelo homem; que o socialismo é melhor que o imperialismo e a opção da Frelimo do modelo marxista foi legítima, necessária e bom apesar dos questionamentos.

Os programas de Ensino de História, mostram a tentativa de representar a história em opções ideológicas como legítimas, necessárias e adequadas; representam a euforia e a dedicação revolucionária que abalou a sociedade moçambicana que não teve barreira mesmo com a liberalização da economia e das instituições, ou seja a escola e todos os elementos didáticos continuam neste imbróglio; representam a capacidade máxima de memorização dos conceitos da ideologia marxista, como fala Maximiano e Assis (1992, p. 54), em fim, não representam estudo do capitalismo apenas, mas o estudo do capitalismo para entender o Marxismo-leninismo e socialismo, “um recuo estratégico”, para perpetuar o caráter de glorificação das ações do partido que governa o país interruptamente desde 1975.

É claramente notável que os programas oferecem aprendizagem permanente de conhecimentos científicos sólidos e a aquisição de instrumentos necessários para a compreensão, a interpretação e a avaliação crítica dos fenómenos sociais, económicos, políticos munindo se de conhecimentos de outros povos proporcionando desta maneira a visão científica do mundo. Este instrumento não abandona o protagonismo parental da Frelimo nos programas por isso nessa nova reforma curricular mesmo na abordagem dos conteúdos da História universal forçosamente a Frelimo volta a cena para ser discutida na sala de aulas, ou seja, esses programas não deixaram de ser um programa ideologizado, como abordamos acima há uma clara demonstração de que tudo quanto existe no mundo é movido pela economia sustentando desta maneira, a teoria de Marx e Engels (socialistas científicos) sobre o Materialismo histórico e o imperialismo de Lenin.¹¹

Ora, para defendermos a nossa tese “Maputo, cidade ideológica”, colocaremos a forma como analisamos a cidade de Maputo na base de visita de Maputo que fizemos nesse canto do continente africano, estudando e analisando a ideologia a partir das suas vias de acesso (ruas e avenidas), dentro de vários nomes para a nossa análise, nos baseamos em (6) seis importantes do socialismo: Karl Marx, Friedrich Engels, Vladimir Lenin, Kim II Sung, Mao Tse Tung e Ho Chi Min, para enxergarmos melhor o horizonte que nos desafiamos a analisar: a relação entre ideologia, ensino de história e espaço urbanístico de Maputo. Daí, passaremos a mostrar em linhas textuais como a cidade é, e espero que consiga a sua representação nos parágrafos que se seguem.

¹¹ Os rudimentos do materialismo histórico constituíam a base conceitual dos conteúdos tratados. Os postulados principais na análise do processo histórico eram: a história como produto da luta de classes (exploradora explorada); as massas como fazedoras da História; A História como uma sucessão evolutiva dos modos de produção, sendo o socialismo visto como futuro inevitável da humanidade (Maximiano e Assis, 1992, p. 160).

Começamos pela avenida Karl Marx- é uma avenida que sai da avenida 25 de Setembro (em homenagem ao dia do desencadeamento da luta de libertação nacional em 1964, essa avenida é a primeira na zona baixa da cidade), vai atravessando as avenidas Zedequias Manganhela e Josina Machel (ambos militares bem destacados na luta de libertação nacional), atravessando avenida Ho Chi Min (comunista vietnamita). Essa mesma avenida passa pelas avenidas: 24 de Julho, Eduardo Mondlane, Maguiguane, Emília Daússe e Agostinho Neto (comunista Angolano e fundador do MPLA), a mesma avenida atravessa a Paulo Samuel Kankhomba e desagua em Marien Ngouabi (comunista e político congolês que governou o congo entre 1938 a 1977). Só por percorrer essa avenida você aprende de forma voluntária ou involuntária uma ideologia.

Usaremos também como explicação, a imagem urbanística de Maputo, a partir da avenida Friedrich Engels- essa avenida começa da Rua Nkunya Kilido, cruza com Rua Ntomoní, rua de Sidano atravessa rua de Chuindi e desagua na avenida Marginal, essa avenida curiosamente é curta mas está bem localizada no perímetro das elites do país e muito próximo da Presidência da República. Por outro lado, avenida Vladimir Lenin, que é uma avenida que cruza a praça da OMM (em homenagem às mulheres combatentes da Frelimo) e vai atravessando a maior avenida da cidade Eduardo Mondlane (principal fundador da Frelimo e primeiro líder do movimento), atravessa avenida Ahmed Siad Barre e Patrice Lumumba (nomes sonantes no socialismo africano) e desagua praticamente na 25 de Setembro.

Mudando do ângulo, começando pela avenida Kim II Sung (comunista Norte coreano), além de carregar um grande nome do comunismo coreano, essa avenida alia, o socialismo africano e asiático. Essa avenida começa pela avenida Agostinho Neto (falamos anteriormente que foi fundador do MPLA partido que também está no poder em Angola á 50 anos), atravessa a avenida Paulo Samuel Kankhomba, a avenida Mao Tse Tung (comunista chinês), avenida Kwame Nkrumah (comunista Ganês e considerado pai das independências africanas), cruzando com as ruas Pedro Nunes, 8 de Março, João de Barros, Fernão Lopes bem como Pereira do Lago, Damião Gomes e desagua na Avenida Kenneth Kaunda (comunista zambiano e presidente do país).

Usando a avenida Mao Tse Tung-essa avenida curiosamente nasce praticamente da avenida Vladimir Lenin, e é atravessada pelas ruas general Teixeira Botelho, Valentim Siti, comandante João Belo, avenida Salvador Allende (político comunista chileno que governou o país de 1970 até 1973, e deposto por Augusto Pinochet num golpe de estado). Atravessa a rua General Pereira Deça, rua de Tchamba, Avenida Kim II Sung, Tomás Nduda, avenida Égas

Moniz, avenida Armando Tivane e desagua na Avenida Julius Nyerere (comunista Tanzaniano).

Por fim, tomaremos outro exemplo, saindo da avenida Ho Chi Min-essa avenida parte da rua D. Almeida Ribeiro, atravessa José Sidumo, avenida Amílcar Cabral fundador do PAIGC (partido de esquerda), faz interseção com rua das flores, rua da Oliveira, das Mahotas, Gabriel Makavi. Atravessa a Olof Palme, rua Municipal Oeste, Avenida Karl Marx, Filipe Samuel Magaia, Guerra Popular, Alberth Lithuli (um dos líderes do ANC partido comunista da África do Sul), atravessa a avenida Romão Fernandes Farinha e desagua na avenida Mohamed Siad Barre (comunista que governou a Somália entre 1969 a 1991).

A escolha dos nomes das avenidas, ruas praças da cidade de Maputo, não foi aleatória ou ao acaso, ela reflete influência ideológica predominante que controla até espaços urbanos e o ensino (Maputo “cheira ideologia”); revela uma forte aliança internacional do socialismo mundial, composto por nomes importantes do socialismo africano, asiático e latino-americano numa urbe, produzindo uma composição imagética que se relaciona com o ensino de história que o aluno estuda na sala de aulas (ainda que seja história pública, vai moldando a personalidade do aluno e sua visão sobre a identidade nacional) claramente, a superestrutura vai moldando o aluno que eles querem ao seu serviço.

Com base na rede viária de Maputo, e dos extratos urbanísticos que apresentamos, é inevitável que o aluno antes e depois de ter as aulas, passe dessas ruas que “cheiram” socialismo mais clássico, ele vai recebendo influências, mesmo nos dias que não tem aulas de história quando chega a escola, o seu conhecimento sobre ideologia apenas é compensado pelos conteúdos teóricos que o professor lhe apresenta na sala porque o teórico com ele já vive e convive, como fala Castells (2009, p. 86), “a ideologia urbana tem profundas raízes sociais. Não se limita à tradição acadêmica ou aos meios do urbanismo oficial. Está, acima de tudo, na cabeça das pessoas. Penetra até no pensamento daqueles que partem de uma reflexão crítica sobre as formas sociais de urbanização”, isto significa que há uma influência ideológica que moldam percepções e decisões a sociedade e ao aluno também (como membro dessa mesma sociedade), e que a ideologia urbana não deve ser vista apenas como um conceito, ela pode implicar na consciência história do aluno não só através do ensino de história mas também da cultura histórica, uma vez que, ela abarca as interpretações sobre o passado produzido fora da escola e da universidade como integrantes do processo de ensino e aprendizagem. Isso desafia aos pesquisadores e pesquisadoras, professoras e professores de história, a principal tarefa de compreender de que modo os usos públicos do passado interferem na concepção de história dos alunos. Isto é, assim como o conceito de consciência

histórica, a cultura histórica enfatiza que a didática da história não se restringe à aprendizagem escolar, mas se preocupa com os diversos significados elaborados sobre o passado que circulam no espaço público (rede viária de Maputo é exemplo disso) e tem efeitos didáticos (Mendes, 2021, p. 123).

A escola “não é um espelho passivo, mas uma força ativa, uma força que também serve para legitimar as ideologias e as formas econômicas e sociais tão estreitamente ligadas a ela. E é exatamente essa ação que precisa ser desvendada” (Apple, 1982, p. 67), dai demanda as historiadoras e historiadores moçambicanos a busca permanente e incessante de formas de questionamento de tendências que desafiam o ensino de história, apesar de que tanto a Didática da História como a Teoria da História ainda não estão solidificadas no currículo de formação de professores em Moçambique, o que impacta na construção da consciência histórica e ideológica dos futuros professores e consequentemente aos alunos, pois limita a capacidade dos professores de interpretar eventos históricos dentro da cultura histórica e de transmitir esse conhecimento de forma eficaz aos alunos na sala de aula, e reduz o campo de questionamento ideológico do currículo moçambicano, por isso os ideólogos montam um currículo conteudista, e esquecem que a História não é apenas um relato de fatos passados, mas uma disciplina fundamental na formação do pensamento crítico e na compreensão das dinâmicas sociais, económicas e políticas dentro da temporalidade. Sabemos que a teoria permite aos professores compreender os diferentes métodos e análises históricos, evitando uma abordagem meramente descritiva dos fatos. Sem essa base, o ensino pode se tornar superficial, sem estimular o pensamento crítico dos estudantes, uma vez que ideologicamente o ensino de história sem uma base teórica sólida vai favorecendo narrativas dominantes e restringir o desenvolvimento de uma visão crítica sobre processos históricos, desigualdades e lutas sociais, e a didática analisa todas as formas e funções do raciocínio e conhecimento histórico na vida cotidiana, prática, incluindo o papel da história na opinião pública e as representações nos meios de comunicação de massa; ela considera as possibilidades e limites das representações históricas visuais em museus e explora diversos campos onde os historiadores equipados com essa visão podem trabalhar (Rüsen, 2011, p. 33).

Como o moçambicano e o ser humano no geral é vulnerável à carências de orientação dai, a Didática de História vai tomando a consciência histórica como seu tema central, aproximando-se as reflexões teóricas, por outro lado, a teoria da história aproxima-se da didática quando escolhe as carências de orientação como fundamento do interesse das pessoas pelo conhecimento histórico, o que significa que a carência de orientação é também uma carência de aprendizado, uma tentativa de encontrar respostas para um problema do mundo da

vida (no caso concreto, a ideologia), dai essas disciplinas não podem estar ausentes ou negligenciado nos cursos de formação de professores em Moçambique, uma vez que tanto o aluno como o professor passa por momentos de inquietação e incerteza dentro da temporalidade (Rüsen, 2011 *apud* Mendes, 2021, p. 118).

A relação entre a ideologia, ensino de História e urbanismo de Maputo, revela como o “jogo foi montado” refletindo tanto no ensino como na cultura histórica narrativas históricas específicas, frequentemente orientadas pelo discurso oficial do estado e do partido no poder (que pela sua influência os dois se confundem). A configuração urbana de Maputo, com suas ruas, avenidas e praças, e não só, nomeadas em homenagem a figuras revolucionárias e líderes socialistas, demonstra o impacto da ideologia na construção da memória coletiva, cuja composição urbanística vai silenciando outras visões do passado, ou outras do presente como testemunha da sua aventura história (se entendermos que todos os dias produzimos história), reforçando uma identidade nacional aparentemente única, bloqueando e dificultando debates históricas críticas no país, e produzindo uma e única narrativa; isso por ausência de perspectivas alternativas tanto nos livros e programas bem como nos espaços urbanísticos que o aluno frequenta e habita (a ideologia cobriu e lacrou todos os espaços possíveis), com único objetivo: manutenção e sobrevivência.

Ora, a história não deve ser imutável ou exclusiva, nem deve ser o monopólio de um grupo qualquer que seja, e a cidade deve ser reflexivo da memória coletiva, e daí tanto o ensino de história como a própria composição urbanística de Maputo deve demonstrar um equilíbrio na representação de uma identidade nacional sem silenciar ou apagar as vozes de outros atores que Moçambique construiu ao longo do seu processo histórico, mesmo considerando que a ideologia é atemporal- a “ideologia não tem história” e é “Omnipresente” (Althusser, 1970, p. 72-76), apesar disso, a cidade e o ensino de história devem deixar de ser campo ideológico mas sim, um campo de reprodução de várias narrativas e perspectivas na produção da consciência histórica e de identidade.¹²

Considerações finais

A intersecção entre a ideologia, ensino e espaços urbanísticos de Maputo, mostra que a Didática de História deve se posicionar melhor na oposição tanto contra às narrativas e ideológicas dominantes que circula não só no ensino de história como na cultura histórica, o que mostra a força ideológica de controlo social, por isso os espaços urbanos onde o aluno

¹² É uma característica constante de toda formação social, existindo em todos os momentos históricos.

circula é notável ao longo da rede viária da cidade de Maputo, que os nomes de grande influência socialista, dentre asiáticos, latino-americanos e africanos tomaram a urbe, tornando Maputo o polo da representação ideológica do país (essa representação é replicada pelas províncias e distritos), colocando o aluno na sobrevivência por baixos dos escombros na encruzilhada ideológica urbanística e intelectual, porque o ensino é movido pela ideologia e Maputo também é “cidade ideológica”, representando práticas discursivas ideológicas dentro da cultura histórica. Esse cenário o seu fim já é previsível: aluno sem visão intelectual de critica e autocritica; da sua identidade e consequentemente-Reprodutor ideológico cíclico, e a história deixa de ser uma ciência de incubação das transformações sociais, e molda deste modo um aluno e pior de tudo, sem noção da consciência histórica. Além de que essa imposição de uma narrativa única apaga memórias alternativas e experiências comunitárias distintas, uma vez que o aprendizado histórico em Moçambique está atolado pela ideologia, pelo lado externo (cultura histórica) e pelo lado interno (consciência histórica).

Fontes

Fontes utilizadas para elaboração deste artigo:

FRELIMO. Diretivas Económicas e Sociais: Documento do 3º Congresso da Frelimo. Maputo. DTI. 1977.

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. Ministério da Educação e Cultura; Programa de Ensino de História da 9ª Classe. INDE. Maputo. 2009.

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano: Programa de Ensino da Disciplina de História- Ensino Secundário- 1º Ciclo. INDE. Maputo, 2024.

REPÚBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE. Ministério da Educação e Cultura: Programa de Ensino de História da 9ª Classe. INDE. Maputo, 1984.

Referências Bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Lisboa: Editorial Presença, 1970

APPLE, Michael W. **Ideologia e Currículo**. 1ª Edição brasileira. Tradução de Carlos Eduardo Ferreira de Carvalho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

CASTELLS, Henri. **A questão Urbana**. 4ª Edição. Paz e Terra, 2009.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Volume I. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 1999.

LÖWY, Michael. **Ideologias e Ciência Social**: Elementos para uma análise marxista. 16ª Edição. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

- LUKÁCS, Georg. **Para uma Ontologia do Ser Social**. Maceió: Coletivo Veredas, 2018.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MAXIMIANO, Eulália e ASSIS, Abel de. O Ensino da História no período pós-independência. In: JOSÉ, Alexandrino e MENESSES, Paula. **Moçambique-16 anos de Historiografia**: Focos, Problemas, Metodologias, Desafios para a década de 90. Volume I. Maputo, CEGRAF. 1992.
- MENDES, Breno. **Limiar**: Estudos de Teoria, Metodologia e Ensino de História. 2ª Edição. Goiânia. CEGRAF UFG. 2021.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: n.10, Dez. 1993, p.7-28.
- OSÓRIO, Conceição. Educação e Ensino de História. In: JOSÉ, Alexandrino e MENESSES, Paula. **Moçambique-16 anos de Historiografia**: Focos, Problemas, Metodologias, Desafios para a década de 90. Volume I. Maputo: CEGRAF. 1992.
- PERRUSI, Artur. Sobre a Noção de Ideologia em Gramsci: Análise e contraponto. **Estudos de Sociologia**, Recife, 2015, v. 2 n. 21,
- RICOEUR, Paul. **A ideologia e a utopia**. Tradução de Sílvio Rosa Filho e Thiago Martins. 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- RÜSEN, Jörn. **JÖRN RÜSEN e o Ensino de História**: (org.) Maria Auxiliadora Schmidt, Isabel Barca, Estevão de Rezende Martins. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.
- RÜSEN, Jörn. **Aprendizagem histórica**: fundamentos e paradigmas. Curitiba: W.A. Editores, 2012.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. Cultura histórica e aprendizagem histórica. Campo Mourão, **Revista NUPEM**, v. 6, n. 10, jan./jun. 2014.
- WEBER, Max. **Sociologia das Religiões e Consideração Intermediária**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2006.

Submetido em: 30 jun. 2025

Aceito em: 07 out. 2025